

Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico

Maria Margarida Martins Salomão*



Abstract

his paper proposes a sociocognitive treatment to classical issues in the fields of syntactic gerativity and semantic compositionality, arguing in favor of a construction grammar approach to the problem of the integration between syntax and lexicon.

1. A temática da infinitude na linguagem

Ao traçar a mais influente agenda dos estudos lingüísticos da segunda metade do século XX, Noam Chomsky, em diversos textos (CHOMSKY 1975;1986;1995;2002), define como questões-matrizes da investigação o **processo de aprendizagem da linguagem**

* Departamento de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.

(o “problema de Platão”) e a **ilimitada capacidade da expressão linguística** (o “problema de Descartes/Humboldt”).

A arqueologia do pensamento chomskyano há de assinalar a precedência histórica da segunda questão sobre a primeira, não obstante a dominância do problema da aprendizagem para constituir o “compromisso cognitivista”, que atravessa toda a obra madura deste autor. No entanto, a dimensão da **geratividade da gramática** (mais recentemente tratada como a “infinitude discreta” da linguagem) oferece o tema motivador de ***Syntactic Structures*** e representa a grande inovação presente em ***The logical structure of linguistic theory*** frente ao estruturalismo harrisiano.

Em termos simples, a **condição linguística do ineditismo** (i.e a capacidade de os falantes/ouvintes criarem e entenderem sentenças jamais anunciadas antes deles) exige que os sujeitos disponham de um repertório de unidades combinatórias (um **léxico**) e de um conjunto de princípios que combinem estas unidades em seqüências bem-formadas e interpretáveis (o que corresponde, historicamente, ao papel da **sintaxe**).

Entre tantas perguntas passíveis de serem formuladas sobre este assunto, interessa-nos indagar em que consistem as **condições de interpretabilidade das seqüências geradas**: em outras palavras, como se resolve o **clássico problema da composicionalidade do significado sentencial**.

Uma brevíssima revisão histórica há de mostrar-nos que o tema da “semântica da gramática”, deliberadamente sub-explorado em ***Syntactic Structures***, recebe tratamento sinfônico na continuidade da tradição gerativa.

Recorreu-se, inicialmente, a uma solução fregeana semi-ortodoxa, em que as unidades combinatórias (os itens lexicais) amalgamavam-se recursivamente, obedecida a configuração estrutural da árvore-mãe da derivação (a “estrutura profunda”) e cumpridas as restrições seletivas, de natureza semântica, armazenadas na entrada lexical. Esta solução, desenhada em KATZ & FODOR 1963 e aperfeiçoada em KATZ & POSTAL 1964, é a que figura no ***Aspects*** (CHOMSKY 1965).

O elementarismo deste arranjo foi quase que imediatamente questionado: a identidade da representação configuracional do Objeto Direto em expressões como *quebrar os pratos* versus *escrever cartas* não se replica como identidade na relação semântica destes Objetos com seus Predicados: temos, no primeiro caso, um ***Affectum*** e, no segundo caso, um ***Effectum***. Trabalhando separadamente, GRUBER 1965 e FILLMORE 1968 vêm a pleitear o reconhecimento dos **papéis temáticos** (ou dos “casos semânticos”) dos argumentos da predicação no cálculo do significado sentencial.

A própria natureza da representação configuracional converte-se, na mesma época, em objeto de aguerrido debate que confronta “semanticistas gerativos” e “lexicalistas” em torno da definição da “estrutura profunda” (vide sobre este ponto NEUMEYER 1980, HARRIS 1993 e HUCK & GOLDSMITH 1995). Enquanto Lakoff, Postal e McCarley postulam níveis cada vez mais abstratos de representação estrutural (distantes da superfície sintática e próximos da análise lógica), Chomsky e seus associados distribuem os elementos necessários à interpretação semântica entre vários níveis da derivação transformacional (representando independentemente a grade temática, a organização relacional e a forma lógica), ao tempo em que o léxico registra a informação idiossincrática.

Esta vigorosa polêmica demonstra eloqüentemente que a complexidade do cálculo da significação sentencial em muito ultrapassa as possibilidades do **insight** fregeano. Fica claro desta discussão que qualquer abordagem descritivamente adequada deve considerar, pelo menos, três ordens de questões:

- (i) questões de ordem léxico-semântica, exemplificadas por variações de valência, como nos casos de *O sol secou a roupa./ A roupa secou;*
- (ii) questões de ordem **sintático-semântica**, como é o caso da indexação referencial de anáforas e da especificação de domínios de operadores (negação, quantificação, focalização, modalidade);
- (iii) questões de ordem **pragmático-semântica**: identificação da força ilocucionária, do ancoramento dêitico, das pressuposições de uma enunciação, bem como a representação do fluxo informacional do discurso (distinções de *status* velho/novo; figura/fundo; tópico/antitópico).

Além deste heterogêneo cardápio que foi, nos últimos vinte e cinco anos, objeto das mais diversas soluções, a grande mudança ocorrida no campo da semântica sentencial verifica-se no **tratamento de informação lexical**: observa-se, neste ponto, tanto o refinamento do registro de **interface léxico-sintaxe**, como a inclusão dos processos de **polissemia** nos formatos da representação lexical.

A opção teórica pelo adensamento do léxico é feita pioneiramente por BRESNAN 1982, ao propor uma Gramática Funcional-Lexical; numa esfera intelectualmente mais próxima do Programa Chomskyano, movimentam-se, independentemente, nesta mesma direção PINKER 1989, PUSTEJOVSKY 1995 e JACKENDOFF 1997.

É interessante considerar o perfil epistemológico deste “neo-lexicalismo”: de um lado, sua proposição contempla inegáveis avanços no conhecimento da composição semântica; de outro lado, preserva a intuição originária de que “o significado do todo é função do significado das partes”, com a ressalva de que as partes agora aparecem dotadas de complexidade “molecular”.

Tomando emprestada uma distinção feita em VARELA et al. 1991 (e que é também empregada por LAKOFF & JOHNSON 1999), podemos dizer que o “neo-lexicalismo” é uma disposição remanescente da primeira fase do cognitivismo: a significação continua a ser tratada como **representação simbólica**, derivada algorítmicamente.

O ulterior exame dos fatos revelará, a nosso juízo, que esta proposição é insustentável.

2. Idiomatismo e composicionalidade no cálculo do sentido

A seção anterior apresentou, em grandes linhas, a evolução histórica da abordagem gerativa da produção de significações sintaticamente complexas.

É necessário registrar que, mesmo em seus primórdios, esta abordagem conviveu com o registro de recalitrâncias à sua lógica geral.

Dentro do paradigma gerativo, a tese de doutorado de George Lakoff, em 1965, aborda o fenômeno da **exceção lexical à aplicação de regras sintáticas**: assim é que verbos estativos (*ter, saber, medir, etc.*) não são apassiváveis em Inglês, em Português e em outras línguas; da mesma forma, verbos de movimento com complemento espacial rechaçam, em Inglês, a aplicação da regra de Movimento do Dativo, que geraria uma configuração ditransitiva (**She brought São Paulo a new fashion*). Aparentemente, todas as transformações que produzem mudança nas relações gramaticais básicas apresentam exceções lexicais. Lakoff, àquela altura, propõe sanar a “irregularidade na sintaxe”, inscrevendo nas representações lexicais um “traço-regra” (**rule feature**).

As “irregularidades”, entretanto, são muito mais amplas, como observam, de fora do paradigma, Chafe e Bolinger. O fenômeno do **idiomatismo** (“calcanhar-de-aquiles da hipótese gerativa”, no dizer de Chafe) manifesta-se seja sob a forma da **recalitrância às regras gerais**, seja sob a forma de **opacidade às combinações composicionais**.

Assim é que certas formações lexicais são absolutamente não composicionais: veja-se o caso das formações *carcereiro/prisioneiro*, criadas com o sufixo [+ *eiro*] a partir de bases semanticamente sinônimas (*cárcere/prisão*) e cujas significações constituem uma antonímia funcional; situação semelhante é a dos compostos por justaposição *guarda-chuva/guarda-roupa*: o segundo formante mantém com a raiz verbal [*guarda*] relações absolutamente diversas em cada uma das composições.

As situações se multiplicam, se considerarmos o caso de fórmulas como *Pois não!* para indicar assentimento ou concordância...

Casos desta natureza são retomados em um irônico artigo de Fillmore, em 1979, **Innocence: a second idealization for linguistics**. Além de mencionar todas as formações excepcionais ou “incalculáveis”, Fillmore focaliza as centenas de complexas expressões lingüísticas, de pleno uso por todos os falantes, e que procedem diretamente da memória, sem que seja necessário gerá-las sintaticamente ou compô-las semanticamente: trata-se de fórmulas situacionais (*De onde está falando?* versus *Quem está lá?*), expressões binominais (*ataque e defesa, unha e carne, corpo e alma, etc.*) ordenadas irreversivelmente, provérbios (*Nem tudo que reluz é ouro*), *fórmulas textuais* (*Atenciosamente*, para subscrever correspondências oficiais), *collocations* como *ledo engano*.

Observa Fillmore, com verve, que o falante “inocente”, que porventura atendesse às recomendações prescritivas dos professores de linguagem e evitasse os “lugares-comuns”, em primeiro lugar perderia a fluência; em segundo lugar, soaria como um Marciano. Pois, é exatamente o uso de **idiomatismos** que confere distintividade ao discurso: bem o sabem os “profissionais do discurso” que perderiam audiência ou público leitor se abrissem mão de seus **bordões** e peculiaridades estilísticas. (Vide, por exemplo, o site EU ODEIO GALVÃO BUENO que registra as fórmulas mais freqüentes daquele locutor: *Bem, amigos da Rede Globo; haja coração; quem é que sobe?*; *dramáatico*. Numa outra clave, a prosa jornalística de Néelson Rodrigues é lembrada pelos

provérbios autorais “*Toda unanimidade é burra*”, pelos distintivos padrões de comparação “*saúde de vaca premiada*”, ou por personagens insólitos como o *Sobrenatural de Almeida...*)

Ao tempo em que Fillmore recoloca em pauta a função discursiva dos idiomatismos, Lakoff publica *Linguistic Gestalts*, semente do subsequente **paradigma cognitivista** na lingüística. Neste texto ancestral, Lakoff sugere que o caso das expressões idiomáticas é apenas uma potencialização da situação dos padrões lingüísticos lexicalmente abertos, mas cuja configuração (como **construção passiva**, ou **causativa** ou **existencial**) já contribuiria semanticamente para a interpretação da sentença. Sugere, ainda, pioneiramente, a indistinção, em contínuo, da usual dicotomia léxico/sintaxe. Antecipa, deste modo, a grande virada intelectual que se produziria nas décadas seguintes, quando os idiomatismos deslizam da periferia para o centro da cena teórica e quando se deixa de pensar a gramática em termos da geração de seqüências simbólicas para pensá-la em termos de um **repertório de construções vinculadas radialmente por relações de herança**.

É esta intuição originária - da **compreensão dos idiomas sintáticos como construções gramaticais** - que articula a próxima agenda da pesquisa e aproxima epistemologicamente a investigação sobre a gramática e os estudos em psicologia cognitiva, em antropologia, e em inteligência artificial, reunidos sob a égide da **hipótese conexionista**.

3. A virada construcional dos estudos da gramática

A idéia de uma **gramática das construções** emerge em Berkeley, nos finais da década de oitenta, tributária de três grandes movimentos analíticos, que convergem quanto às premissas mas que se diferenciam nas ênfases teóricas e na formulação de modelos.

O primeiro deles, que se origina sob a liderança de George Lakoff, inspira-se no estudo das **redes polissêmicas**, cujo estudo tem na descrição de **over** um caso emblemático (BRUGMAN 1981). Em sua *opus magna* de 1987, Lakoff, além de rever a “estória de over”, propõe o reconhecimento de **redes construcionais**, motivadas por projeções conceptuais, principalmente de natureza figurativa, e que tem como instância-núcleo da irradiação **uma construção gramatical**: exemplifica este empreendimento a análise da rede de construções com **there**, em Inglês, que tem como instância central a “construção locativa” e cuja irradiação motivada chega até a “construção existencial”.

O segundo movimento tem como atores proeminentes Charles Fillmore e Paul Kay, que, desde o início da década de oitenta, empenhavam-se em estudos sobre fórmulas situacionais e sobre a semântica das gradações associada ao uso de **hedges** adverbiais. Fillmore e Kay interessam-se principalmente por **fórmulas situacionais que são também idiomas sintáticos**, caso em Português de enunciações como *Idiota é você* (em que a inversão Predicado-Sujeito está vinculada a uma circunstância comunicativa de réplica) ou *O ACM ajudar um inimigo?*, sentença infinitiva, com entoação especializada, e SN-tópico em lugar de sujeito, que serve à expressão de surpresa contextualizada, com pressuposição contrafactual.

O caso-estelar das abordagens de Fillmore e Kay é o tratamento elaborado em conjunto com Cathy O'Connor, do marcador discursivo *let alone* que introduz uma relação comparativa entre dois eventos evocados pelas orações associadas através deste conectivo. Situação assemelhada em Português corresponde à conexão com marcadores proporcionais **quanto mais, por mais que**: *Quanto mais ele trabalha, menos ganha*.

Fillmore e Kay vêm elaborando desde 1986 um texto em progresso, disponibilizado em seu *site*, em que travam diálogo consistente e obstinado com tendências “neo-lexicalistas” da análise gramatical (especialmente com acadêmicos associados às hipóteses de Bresnan (LFG) e Pollard & Sag (HPSG)) e no qual almejam um tratamento exaustivo dos fenômenos gramaticais caracterizados em termos de construções alinhadas num contínuo (lexicalmente especificadas / lexicalmente abertas).

O terceiro movimento na direção de uma gramática das construções, e, possivelmente, o mais articulado internamente, é o que se deve a uma ex-aluna de George Lakoff, Adele Goldberg, que elege como tema o fenômeno da **variação das valências**, abordado, entre os “neo-lexicalistas”, através de uma clássica solução lexicalista - a proposição de regras lexicais.

O problema desencadeador da análise de Goldberg retrocede à tese de doutorado de Lakoff: a limitação da produtividade das construções ditransitivas. Goldberg estuda também outros casos, mais fáceis de traduzir em Português: as construções de MOVIMENTO CAUSADO (*She sneezed the napkin off the table / Romário chutou a bola pela linha de fundo / (?) ACM gritou os jornalistas porta afora*); e as construções RESULTATIVAS (*Cozinhei o talharim al dente/Ela passa minhas camisas de linho sem uma dobra*).

O cerne do argumento de Goldberg, contra as análises “neo-lexicalistas”, pode ser bem compreendido, considerando-se os casos em Português, nos quais a gramática tradicional identifica um Objeto Afetado, e que eu prefiro chamar de CONSTRUÇÕES DO PREJUDICADO (em contraposição às construções com Beneficiário...). Examinemos os seguintes exemplos:

- (1) Eu deixei tudo combinado prá gente escrever o projeto e **ela me sai de férias!**
- (2) Veja se **você não me dança nesta festa**, hein?
- (3) *Ela é tão palhaça que um dia, na escola, ela me vestiu de noiva* (significando que “ela se vestiu de noiva”: exemplo atestado pela Professora Neusa Salim Miranda)

A solução “neo-lexicalista” para estes usos seria a aplicação de uma regra lexical à valência intransitiva de **sair, dançar**, etc., criando uma nova valência inteiramente **ad hoc** para cada um dos verbos.

Ora, a solução construcional é obviamente superior em naturalidade e em economia: ao invés de aplicar-se a cada predicado uma regra que ampliaria a representação lexical (de modo paradoxalmente idiossincrático e previsível), **postula-se uma configuração sintática, pareada com a indicação pragmático-semântica correspondente**, que será utilizada virtualmente para qualquer predicado, na circunstância em que o falante queira se representar como **negativamente atingido** pela situação evocada.

Assim sendo, ao invés de postular que na enunciação de (1) o verbo **sair** apareça com uma significação inteiramente nova (e que só emergirá neste contexto sintático), postula-se a **CONSTRUÇÃO DO PREJUDICADO**, que, em interação com o sentido básico do verbo **sair**, explicará a mudança semântica ocorrente. Observe-se que a **mesma alteração de sentido** acontecerá nos casos (2) e (3). É óbvio que a descrição gramatical ganha em generalidade, uma vez que propomos que o mesmo e único processo sintático verifica-se em todos estes casos.

A par disso, a abordagem construcional tem a flexibilidade necessária para lidar com a geração de enunciados semi-idiomáticos como *jogar a vida pela janela*, *jogar a carreira pela janela*, *jogar o casamento pela janela*, em que o enquadre (*jogar x pela janela*) é sintaticamente descontínuo embora inteiramente coeso do ponto de vista conceptual: *jogar* (metaforicamente) *x pela janela* remete ao esquema em que um Ator descarta *pela janela* um Objeto de pouca ou nula importância (*um cigarro*, *um papel de bala*), dedicando a este gesto pouca ou nenhuma atenção, conferindo-lhe pouca ou nenhuma consequência.

Quando se trata do semi-idioma *jogar a vida pela janela*, não cabe explicar a variação do sentido como polissemia do item lexical *jogar*; nem mesmo como polissemia do enquadre [*jogar... pela janela*], cujo reconhecimento seria, por si, uma ruptura com o paradigma gerativo-composicional; trata-se na verdade de explicar a produção do sentido pela importação de um esquema conceptual, brandido em ilocução judicativa (*de censura!*) de uma forma tão sedimentada e consistente que a realização lexical do *x* abrange um domínio de possibilidades amplas, embora definíveis (*jogar o emprego / a tese / a promoção / tudo pela janela...*).

Uma solução lexicalista para esta classe de problemas exigiria um outro conceito de léxico – enriquecido, a ponto de não apenas registrar o item *dormir*, mas também as **collocations** *dormir na cama* versus *dormir no sofá* versus *dormir no volante*, como aliás o requer a interpretação do conselho publicitário “*Não durma no volante. Durma num colchão Castor!*” Trata-se, em todos estes casos, da suscitação de esquemas mnemonicamente associáveis e, no entanto, distintos conceptualmente.

Os três movimentos propositivos da gramática das construções convergem em duas premissas fundadoras:

- (i) **a indistinação entre léxico e gramática**: a linguagem é concebida como uma grande **rede construcional**, de tal modo que as unidades construcionais divergem apenas no caráter de sua especificação formal interna; há construções **inteiramente abertas** (como a construção SUJEITO-PREDICADO), há construções **parcialmente especificadas** (como a construção PROPORCIONAL *Quanto mais x, mais y*) e há construções **inteiramente especificadas** (e.g as expressões formulaicas e proverbiais *Fica com Deus! Gato de casa a gente não corre atrás*, etc);
- (ii) **a concepção do signo lingüístico como vetor bipolar indissociável**, pareando forma e condições da construção do sentido, que são indissolúvelmente semântico-pragmáticas.

A divergência entre estes três grandes movimentos analíticos corresponde ao modo como cada qual concebe os **vínculos entre os nódulos constitutivos da rede construcional**: em outras palavras, como cada qual concebe as **relações de motivação e de herança**.

Fillmore e Kay, ao adotarem o **conceito da unificação**, que também prevalece para algumas hipóteses “neo-lexicalistas”, elegem o chamado **modelo completo de herança**; cada padrão construcional se relaciona com os demais respeitando restrições e relações taxonômicas, de tal modo que, se o nódulo A motiva o nódulo B, não é possível que B contenha elementos que não estejam presentes em A.

Lakoff e Goldberg preferem o chamado **modelo normal de herança**, consideravelmente mais flexível. Neste modelo, a informação herdada dos nódulos dominantes **não pode conflitar** com informação especificada no nódulo dominado, mas é admissível que o nódulo dominado contenha outros tipos de informação independente.

A diferença entre Lakoff e Goldberg é incidental: Lakoff trabalha bem menos na formalização de sua análise, a qual admite uma variedade de “saltos” figurativos. O trabalho de Goldberg, embora restrito à semântica da predicação, é muito mais rico em determinação teórica. Assim, Goldberg propõe que haja **apenas quatro** classes de conexão entre construções (**Polissemia, Relação entre Subpartes, Instanciação e Metáfora**), embora admita que possam existir relações de **Herança Múltipla** (casos em que uma construção vem a ser motivada por mais de um vínculo).

Nenhum dos três modelos é processual. Desenvolvidos num momento em que a semântica cognitiva ainda não se beneficiava plenamente das descobertas de Fauconnier sobre os espaços mentais, estas três concepções fundadoras de uma concepção construcional da gramática deixam de oferecer avanços teóricos derivados da possibilidade de praticar a sub-especificação cognitiva dos domínios conceptuais.

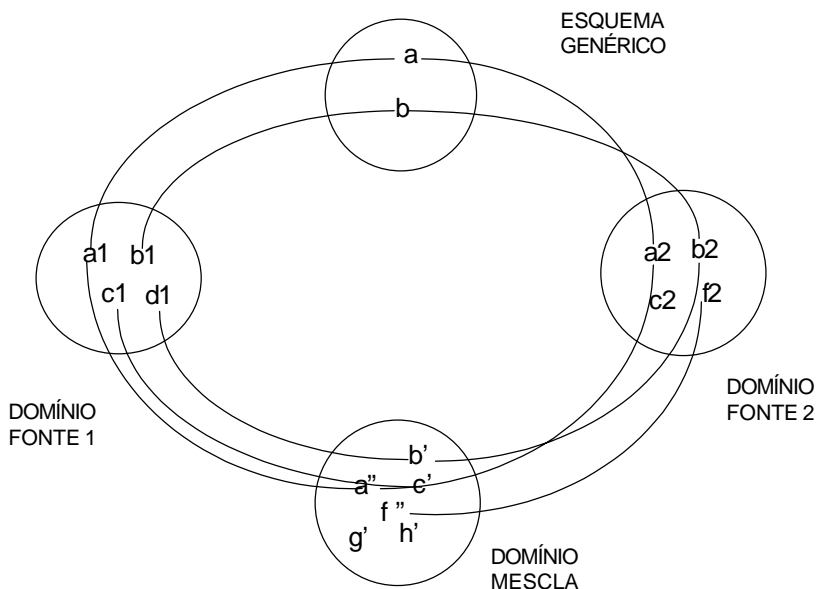
4. Mesclagem e inovação linguística

A postulação da teoria dos espaços mentais (Fauconnier, 1994, 1997), desenvolvida por Gilles Fauconnier em meados da década de oitenta, refinada e consolidada em cooperação com diversos colaboradores no decorrer dos anos noventa, em muito ultrapassou os seus objetivos originais de oferecer um tratamento alternativo a problemas clássicos da teoria da referência.

A noção de **espaço mental** (domínio epistêmico postulado temporariamente como ferramenta de processamento do discurso) permitiu que se abordasse seriamente a questão da **projeção** entre **bases de conhecimento**, fenômeno identificado mas não formalizado propriamente nas gramáticas cognitivas de Langacker, Lakoff e Talmy.

O desbravamento deste campo analítico em parceria com Michael Turner levou a que, já em 1996, fosse identificado e investigado o processo cognitivo de **mesclagem (blending)**, que produz um **espaço-mescla**, emergente, integrando conceptualmente, ainda que de forma precária, uma rede de domínios-fonte.

A configuração canônica do processo de mesclagem supõe a conexão de pelo menos quatro domínios: **dois domínios-fonte, um esquema genérico** definindo a homologia entre eles e que possibilita a migração parcial da informação para o **espaço-mescla** resultante. O diagrama, abaixo, representa esta forma geral:



A representação gráfica, proposta para apoiar a compreensão, pode induzir ao equívoco de conceber a mesclagem como mais um sofisticado processo derivacional; nada poderia ser menos adequado. O que se pretende aqui descrever é a **ativação de uma rede conceptual** cujos nódulos permanecem simultaneamente instanciados, naquilo que a conjuntura comunicativa neles focaliza: assim, procede-se à mesclagem, inclusive pela emergência no domínio-mescla de elementos inexistentes nos domínios-fonte.

Nili Mandelblit, em sua tese de doutorado de 1997, explorou as vantagens de uma **abordagem processual** de fenômenos a serem tratados construcionalmente: a análise das construções de MOVIMENTO CAUSADO em Inglês e em Hebreu ilustra os benefícios obtidos pela introdução do conceito de **mesclagem** na explicação dos processos de tradução entre as construções correspondentes nestas línguas.

Quero, nesta oportunidade, explorar a **hipótese da herança construcional como mesclagem** discutindo um uso lingüístico surpreendente, atestado como manchete de primeira página no **Jornal do Brasil**, do dia 20 de março de 2002: *Carioca almoça “comida a chute”*.

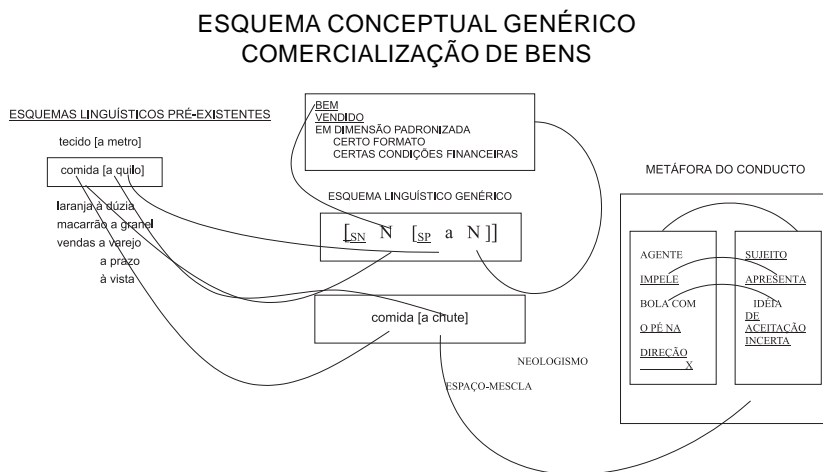
O *lead* da matéria explicava que, tendo havido na véspera um **apagão** na hora do almoço, na cidade do Rio de Janeiro, a clientela de restaurantes *self-service* teve que pagar seu almoço com base em estimativas (“chutes”) sobre o peso da comida, já que as balanças eletrônicas não funcionavam.

A manchete do JB nos permite discutir um **caso de produção de significado complexo**, que é também um exemplo de **criatividade linguística**, impossível de ser descrita seja pela via tradicional da composicionalidade, seja pelos enriquecimentos “neo-lexicalistas”. Não se trata, neste caso, de uma situação de polissemia dicionarizada, ou, mesmo, dicionarizável.

Na verdade, neste caso, o tratamento processual é imperativo: trata-se de uma significação criada **on the spot** e que, com toda certeza, só se sustenta relativizada à cena conceptual da qual constitui o enquadramento. A continuidade entre contexto comunicativo, modelos conceptuais e a atuação cognitiva contingente estabelece-se em completa fluência.

A composição nominal “*comida a chute*” implica uma complexa rede cognitiva; pelo menos dois domínios-fonte devem ser reconhecidos: o primeiro é a própria construção *comida a quilo*, da qual “*comida a chute*” é variação jocosa; o segundo é a **metáfora do conducto** (identificada por Michael Reddy), que nos permite conceber a operação mental “estimativa de preços” em termos do gesto físico de “chutar a bola” (em uma direção determinada).

A representação gráfica deste processo de **motivação por herança múltipla** corresponde ao seguinte diagrama da integração conceptual produzida:



Observando este diagrama, que não pretende ser a representação exaustiva e psicologicamente real das relações conceptuais mobilizáveis, gostaríamos de destacar os seguintes pontos:

- (i) é impossível “calcular o significado do todo como função do significado das partes”, sem **levar em conta o contexto comunicativo e os modelos conceptuais** (sobre comercialização de bens, sobre restaurantes e sobre experiências mentais) que constituem a nossa pertinência a um grupo social determinado;
- (ii) é necessário reconhecer como **bases de conhecimento operativas** tanto o esquema sintático genérico como a lexicalização [_{SN} comida [_{SP} [_N quilo]], que correspondem, ambos, a **construções linguísticas** especificadas na língua.

- (iii) a mesclagem procede tanto da construção linguística estabilizada idiomáticamente *comida a quilo*, como da metáfora convencionalizada de que PENSAR É PROJETAR UM OBJETO EM DIREÇÃO A UM ALVO.
- (iv) o entendimento de manchete de jornal, possivelmente obtido em retrospecto e produzido em um átimo de segundos, requer a ativação de uma complexa rede conceptual constituída de conexões que são provavelmente inéditas.

O que nos ensina a contemplação de um caso tão corriqueiro de interpretação do discurso? De um lado, somos estimulados a perceber que a infinitude da linguagem, que maravilhou intelectuais tão brilhantes como Galileu e Chomsky, é menos uma matéria de combinação das formas e mais uma experiência de mobilização da imaginação.

De outro lado, este processo, com seu indiscutível poder evocatório, decorre da capacidade humana de operar sistematicamente a **integração conceptual de formas e esquemas pré-disponíveis**, sem os quais não seríamos capazes de assegurar a nosso convívio condições essenciais de historicidade e de sociabilidade – condições que nos defendem do risco de transformar em jogo privado o uso da linguagem.

Referências bibliográficas

- BOLINGER, D. The atomization of meaning. *Language* 41, 555-73, 1965.
- BRESNAN, J. (Ed) *The mental representations of grammatical relations*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1982.
- BRUGMAN, C. *Story of over*. Master's thesis, University of California, Berkeley, 1981.
- CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965.
- _____. *Reflections on language*. New York: Pantheon, 1975.
- _____. *Knowledge of language*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- _____. *On nature and language*. (Ed. by A. BELLETTI and L. RIZZO) Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].
- _____. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. & M. TURNER. Principles of conceptual integration. In J. P. KOENING (Ed). *Discourse and cognition* (pp 269 - 283). Stanford: CSLI, 1998.

- _____. & _____. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In E. BACH & R. HARMS (Eds). *Universals in linguistic theory*. Pp 1-90. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- _____. Innocence: a second idealization for linguistics. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, 1979.
- _____. & P. KAY. *Construction grammar*. CSLI Publications, Stanford, a sair.
- _____.; P. KAY; M. C. O'CONNOR. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, 64, 501-38, 1988.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GRUBER, J. *Studies in lexical relations*. Ph. D. Dissertation, MIT, 1965.
- HARRIS, R. A. *The linguistic wars*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HUCK, G. & GOLDSMITH. *Ideology and linguistic theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- JACKENDOFF, R. *The architecture of the language faculty*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1997.
- _____. *Foundations of language*. New York: Oxford University Press, 2002.
- KATZ, J. & J. FODOR. The structure of a semantic theory. *Language*, 39, 170-210, 1963.
- _____. & P. POSTAL. *An integrated theory of linguistic description*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1964.
- LAKOFF, G. *Irregularity in syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- _____. Linguistic gestalts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, 1977.
- _____. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- _____. & M. JOHNSON. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- MANDELBLIT, N. *Grammatical blending: creative and schematic aspects in sentence processing and translation*. Ph. D. Dissertation. University of California, San Diego, 1997.
- NEUMEYER, F. *Linguistic theory in America*. New York: Academic Press, 1980.
- PINKER, S. *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1989.
- POLLARD, C. & I. SAG. *Head Driven Phrase Structure Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- VARELA, F; E. THOMPSON & E. ROSCH. *The embodied mind*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1991.